

O JOGO ERÓTICO: UMA TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO AMOROSA.

Edilmã Bomfim

Introdução

Quando falamos de amor, prazeres, desejo e erotismo, é da história do homem que estamos falando. O indivíduo se apaixona e, pelo estudo do seu desejo, identificam-se as lutas, as conquistas e as interdições que marcam o caminho da humanidade em busca de exteriorizar os desejos mais íntimos de todos os seres humanos.

O erótico é próprio do homem, caracterizando-o. Por conseguinte, antes de qualquer registro histórico, o amor tem sido manifestado, revelando suas idiossincrasias: infinito e efêmero; promíscuo e puro; sereno e tempestuoso. Assim, não se pode precisar a origem das representações discursivas do amor: elas se confundem com as próprias origens do homem. Os vários conceitos de amor traduzem as diversas concepções atribuídas a esse sentimento em cada momento histórico.

A relação entre amor e morte é indissolúvel, o que faz com que o discurso erótico se apresente como uma teia intertextual de visões poéticas, conforme essas visões representam, em essência, o desejo de (re)encontro com o outro, manifestando-se em formas eróticas diferentes, que colocam a sexualidade como pecado, transgressão, luxúria, paixão, afeto e libertação.

Essa multiplicidade de faces de Eros será identificada no conto "O búfalo", de Clarice Lispector (1987, p.126). A es-

colha de um texto de Clarice se justifica pelo fato de que ninguém, mais do que ela, penetrou os meandros do desejo humano buscando encontrar a resposta secularmente desejada: como se entender as múltiplas manifestações do amor?

Para esse estudo, irei usar basicamente as perspectivas teóricas de Platão (1972), Freud (s.d.) e Georges Bataille (1987), que mostram que a dicotomia vida e morte está na base da experiência erótica a qual tem, como fim, a busca da unidade perdida de que fala Platão ao tratar do mito de Eros.

I – Considerações teóricas sobre o erotismo

1.1 Erotismo: a imagem dual

A libido sexual e a formação da consciência individual e/ou coletiva são as duas grandes dimensões que dominam ou representam a essência das realidades cósmica e individual. A satisfação erótica e a necessidade de se constituir como um ser plenamente instituído representam os dois lados da mesma moeda. Muitas forças operam ao longo dessas dimensões, na realidade da espécie humana, exercendo seu poder na construção afetiva e orgânica do indivíduo.

Dentre as necessidades primordiais da espécie humana, é a experiência erótica, sem dúvida, a que exerce maior ímpeto e impacto na escalada da individualidade.

Diversas tradições filosóficas desenvolveram os estudos metafísicos da sexualidade, centrando seu olhar na história universal do homem. Isso é impossível de ser visto sob outro ângulo, já que, desde todos os tempos, a história humana é a do desejo, da paixão e da necessidade de amor físico, afetivo e existencial.

A conceituação de erotismo como uma necessidade vital de recomposição da integridade física e psíquica do indi-

víduo tem sua origem na filosofia do amor descrita por Platão em sua obra **O banquete** (1972) .

O texto de Platão está escrito de forma dramática. A cena é a de um banquete íntimo onde se reuniram importantes filósofos da época, inclusive Sócrates. Os rapazes, ao que parece, participavam de muitas festas e decidiram, nessa ocasião, não ficarem completamente embriagados, dedicando o encontro ao significado do amor e ao seu resultante: o desejo. Vários pontos de vista surpreendentes surgiram. A opinião mais intrigante, porém, apareceu quando Aristófanes, um dos convidados do banquete (curiosamente o comediógrafo), colocou a idéia de que a feminilidade e a masculinidade foram construídas originariamente num único ser: o andrógino. Esses seres individuais e completos foram descritos como redondos, com quatro braços, pernas e olhos, tendo duas cabeças.¹

Aristófanes prosseguiu seu discurso, dizendo que, em dado momento, o demiurgo (representado na mitologia por Zeus) percebeu que a humanidade, nesses moldes, poderia se tornar muito poderosa, graças à sua multiplicidade de órgãos e à sua mobilidade física, o que ameaçaria os seus domínios. Diante dessa suposta ameaça, esses seres completos e redondos foram, a mando de Zeus, cortados ao meio, ficando com dois braços, duas pernas, dois olhos e uma cabeça: um foi feito homem e o outro, mulher. Portanto, a atração entre os dois sexos é realmente o desejo humano de reencontrar ou readquirir a totalidade primordial, como fala textualmente Aristófanes:

O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de Amor (p.192).

Conta Aristófanes que Zeus incumbiu Apolo de retocar os seres mutilados, fazendo com que o rosto ficasse voltado para o lado do corte. Apesar da perfeição (física) da tarefa de Apolo, o trabalho divino não conseguiu apagar, nos novos se-

¹ O círculo e o número quatro representam, na filosofia tradicional, a totalidade e a perfeição.

res, a sensação de falta, de morte, de carência do outro e do todo. Assim, surgiu, no novo ser, uma necessidade vital que explica o desejo de cada metade de unir-se à outra numa tentativa de perfeição, de retomada da forma circular, redonda, una e perfeita.

O amor seria, então, resultante dessa sensação humana de ausência, de falta do outro, de castração imposta por castigo divino, resultando em um desejo incontido e avassalador de preencher a falta que só se completa ou se dá na relação erótica, como ainda continua Aristófanes nos revelando:

Anteriormente como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que por causa de nossa injustiça, fomos separados pelo Deus (p.192).

O discurso de Aristófanes define o amor como uma luta humana de recomposição de si mesmo. A felicidade humana estaria, justamente, no momento desse (re)encontro, no desejo de preenchimento dessa falta, como diz na sua fala final:

Estou dizendo a respeito de todos homens e mulheres, que é assim que nossa raça se tornaria feliz, se plenamente realizássemos o amor, o seu próprio amado cada um encontrasse tornando à sua primitiva natureza. (p.193).

Diante do exposto, vemos que o erotismo traz em si uma dupla face. A primeira exhibe a força primitiva e poderosa dos seres andróginos, possuidores de múltiplos órgãos e de extrema capacidade de locomoção, tendo Eros como um movimento contínuo, em todas as direções e em todos os lugares. É como um raio laser, que transforma a energia estagnada em atividade e excitação. A outra face mostra Eros como o deus mutilado, incompleto e bipartido que vive em busca permanente de completude.

Ainda em **O banquete** vamos encontrar, na fala de Diontina – a sacerdotisa de Mantinea – a revelação desse duplo caráter de Eros, o ser alado meio-humano e meio-divino. Eros, segundo Diontina, é filho de Pobreza, de quem herdou a

mendicância, a fome e a carência. Seu pai é Recurso, filho de Prudência, o que faz de Eros o deus da artimanha com que busca suprir sua primitiva carência. Filho, pois, de pais de natureza diametralmente oposta, Eros é o deus de muitas faces como também multifacetadas são suas manifestações ao longo da história da humanidade: ora é efêmero ou duradouro; promíscuo ou recatado; em alguns momentos, profano e em outros, sagrado; pode simbolizar a vida (Eros) ou a morte (Thânatos).

Freud, lendo o mito platônico, acreditou ser pertinente a conceituação de erotismo como uma necessidade vital de restauração e integração da antiga natureza humana. Dessa forma, para Freud, o impulso erótico é:

O desejo de união (ser um) com os objetos do mundo (p.10).

Essa unidade vital da busca erótica é básica para a noção contida na proposta freudiana de desejo: a interseção amor/morte. Freud esclarece que, no inconsciente, coexistem duas forças antagônicas: Eros, o impulso da vida ; e Thánatos, o impulso da morte. Curiosamente, essas duas forças, apesar de seu caráter antagônico, não são necessariamente excludentes, pois ambas permanecem no erotismo irreversivelmente unidas, chegando a ser, de maneira recíproca, complementares. O prazer e o amor buscam a vida, o que não significa que, em alguns momentos, não se direcionem para a morte.

Lúcia Castelo Branco (1984), refletindo sobre essas considerações de Freud a respeito do amor/morte, esclarece que:

Quando o desejo maior dos seres humanos é o repouso, o aconchego perene, a paz, os vínculos com Thánatos são estreitos: onde encontrar essa paz eterna senão na morte? (p.31).

A resposta a essa indagação, segundo Lúcia, é também dada por Freud:

Matar-se, destruir-se é, para esses indivíduos, a única forma de retornar ao útero, de reviver a quietude morna do corpo da mãe, o silêncio e o nada absolutos (Idem, *ibidem*, p.31).

É curioso observar que as mais diversas culturas mantêm uma tradição baseada na conexão misteriosa entre morte e amor. Na França, por exemplo, o orgasmo é chamado de "a pequena morte". A entrega física que deve ocorrer para se atingir um clímax sexual completo é a mesma entrega que o corpo deve fazer no momento da morte. Amor, vida e morte se unem no orgasmo. Portanto, é preciso que haja uma entrega profunda entre as duas metades para que se obtenha a resposta desejada nessa hora de explosão física/afetiva tão intensa.

Georges Bataille (1987) em seu trabalho *O erotismo*, afirma, em princípio, que *erotismo é a aprovação da vida até na morte* (p.11). Para ele, a questão do erotismo não pode ser tomada como objeto isolado de investigação, pelo contrário, só pode ser investigada se, em sua abordagem, for o próprio homem considerado em sua integridade histórica, religiosa e psíquica. O êxtase sexual faz do movimento erótico o mais intenso prazer que pode ser alcançado pelo ser humano. Para o Autor, o erotismo existe em todos os indivíduos de todas as épocas e camadas sociais, sendo, portanto, de natureza universal. Na qualidade de uma experiência intensa do ser, o erotismo situa-se no ponto mais elevado do espírito humano. Sua interrogação, dentro dessa ótica, é de natureza filosófica, cabendo à filosofia aproximar-se da vida, se se buscar o entendimento da dialética do erotismo.

Essa dialética é constituída pela tensão que se estabelece entre a "descontinuidade" do ser individual – característica que faz do homem um ser efêmero e perecível – e a ânsia de "continuidade", que significa a comunhão total com o ser tomado em sua essência atemporal. Assim, o abismo vertiginoso da morte separa os seres descontínuos, e a experiência erótica, por sua vez, convida ao mergulho neste abismo.

O que, do meu ponto de vista, caracteriza as passagens da descontinuidade à continuidade no erotismo se deve ao conhecimento da morte que desde o começo liga, no espírito do homem a ruptura da descontinuidade e o deslizamento que continua em direção a uma continuidade possível – à morte. (Bataille, 1987, p.97)

Prosseguindo, Bataille é ainda mais enfático quando afirma que:

[...] não podemos mais diferenciar a morte da sexualidade. A sexualidade e a morte são apenas os momentos intensos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres; uma e outra tendo o sentido de desperdício ilimitado que a natureza executa contra o desejo de durar que é próprio de cada ser (p.58).

Relendo os mitos cristãos Adão e Eva, Bataille observa que o Cristianismo reduziu o aspecto de bem-aventurança à esfera do sagrado, excluindo desse mundo o lado erótico ou 'maldito', ao contrário do que faziam as práticas religiosas pagãs, que costumavam celebrar em cultos a sexualidade, atribuindo ao erotismo um estatuto cosmogônico.

Para Bataille, o Cristianismo atua em ordem inversa, criando, na esfera do sagrado, a promessa da imortalidade dos seres descontínuos, fazendo-os crer na existência de um paraíso (anterior ao pecado de origem), destituído do prazer erótico, atribuindo à sexualidade um caráter meramente perpetuador da espécie, como podemos verificar na fala do Criador, ao concluir a obra da criação:

E criou Deus o homem à sua imagem: ele o criou à imagem de Deus, macho e fêmea os criou.

Deus os abençoou e disse: cresci e multiplicai-vos e enchei a terra... (Gênesis, cap. 1, vers 27- 28).

No universo do homem cristão, o aspecto bem-aventurado do sagrado é, então, reduzido à função procriativa, transferindo o ato sexual para a esfera da transgressão ilegiti-

tima, isto é, no universo simetricamente oposto ao do divino. Bataille afirma que: É a sensibilidade religiosa que liga sempre estritamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia (p.36).

O erotismo, para Bataille, tem o sentido da morte (Adão e Eva são reduzidos à condição de seres mortais e é só dessa forma que reconhecem suas sexualidades), ou seja, a anulação do ser perecível que somos no ser perene que desejamos ser em instantes de "nós". O desejo não representa apenas uma busca animal de reprodução (não se pode negar o instinto animal, primitivo da espécie humana), mas também se pode reconhecer a experiência do espírito ocasionada pela realidade física/biológica da carne no jogo de liberação dos órgãos sexuais irrompendo e superando a ponderação dos enamorados:

A essa vontade ponderada sucedem os movimentos animais desses órgãos cheios de sangue. Uma violência que escapa ao controle da razão anima esses órgãos. Distende-os até o limite máximo e, de repente, é a felicidade que os atinge ao ultrapassar essa desordem. O movimento da carne excede um limite na ausência de vontade. A carne é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência. A carne é o inimigo que nasce dos que são possuídos pelo interdito cristão (p.89).

II – “O búfalo”: uma possibilidade de (re)encontro erótico

Isto posto, entendemos erotismo como um desejo de completude física e afetiva, de tentativa de superação da descontinuidade biológica dos seres, e, finalmente, como possibilidade de satisfação do desejo (falta) que se recupera no encontro com o outro.

O conto “O búfalo”, de Clarice Lispector, objeto desta análise, é um exemplo dessa tentativa de superação, focalizando os aspectos duais que caracterizam o amor: vida e

morte, Eros e Thânatos. O texto narra a história de uma mulher (não nomeada) que, rejeitada pelo homem que ama (*Eu te odeio*, disse ela *para um homem cujo crime único era o de não amá-la* (p.127), tenta extravasar o seu ódio num passeio pelo jardim zoológico:

Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar (p.127).

Ardilosamente a narrativa vai sendo construída de tal forma que esse desejo tácito de vingança da mulher de casaco marrom é constantemente obstruído ou confrontado por duas referências do texto que se opõem a essa necessidade de odiar: o tempo e o espaço. Ambos simbolizam o momento do amor, a época do acasalamento e o espaço permitido à explosão da sexualidade primitiva e sem reservas. Sintomaticamente, a primeira referência do texto já apresenta um tempo adverso a essa busca:

Mas era primavera (p.126).

Essa referência temporal é o fio condutor de toda a experiência erótica que será vivida pela protagonista. A primavera é – também científica e metaforicamente, a época da paixão e do desabrochar da flora e da fauna. Nos reinos animal e vegetal, ela traz não somente o nascimento das flores, com o seu cheiro inebriante, mas também carrega os odores dos hormônios que as fêmeas exalam para atrair os machos (e vice-versa). Nessa ocasião, os animais, no cio, não conseguem se interessar por outra coisa que não seja sexo. Ficam excitados, atiram-se despudoradamente em suas buscas, lutam, se for preciso, por um momento de prazer, que, conforme a espécie, pode durar muitos dias ou apenas alguns segundos. Assim é a primavera, e, para desapontamento da mulher que diz querer odiar, tudo é amor no jardim zoológico.

Mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com o olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar (p.127).

Outro dado revelador da dicotomia amor/ódio que o texto trabalha é o emprego da conjunção “mas”, sempre acompanhando o substantivo “primavera”. “Mas” é um operador argumentativo gramaticalmente conhecido como uma conjunção que designa oposição/adversidade. De fato, no contexto geral da narrativa, essa palavra é representativa da grande oposição do desejo de odiar com o tempo do amor que a primavera representa:

[...] e tudo nascendo, tudo correndo pelo riacho (p.128).

E, mais adiante:

O chão onde simplesmente por amor – amor, amor, não o amor – , onde por puro amor nasciam entre os trilhos ervas de um verde leve tão tonto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação (p.129).

Nota-se que, ao longo de todo o enredo, a narradora enfatiza que “é” primavera e, por conseguinte, a mulher não aprenderá a odiar num mundo completamente predisposto a amar.

O mundo da primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói...(p.131).

A adversidade, expressa pela conjunção mas é, na verdade, uma afirmação do mundo contraditório do amor – “arranha, mas não dói”. Essa duplicidade do caráter de Eros é o grande conflito que se estabelece entre a mulher que se defronta com a necessidade de odiar e o tempo do amor instaurado pela presença da primavera, como se pode constatar:

Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa.

Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no jardim zoológico. Depois o leão passeou enjubado e tranqüilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. “Mas isso é amor, é amor de novo”, revoltou-se a

mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado (p.126).

Além dessa referência do tempo da primavera, a segunda referência que se opõe ao desejo doentio da mulher é o espaço físico: o jardim zoológico, o zôo metaforicamente representa o próprio éden, isento do pecado de origem, liberto do sentimento de culpa e sem as amarras do convencional, ético, moral e social, enfim, é "*o mundo que não via perigo em ser nu.*" (p.127).

Essa fala do texto nos remete à alegoria bíblica do paraíso terrestre, onde Adão e Eva, os seres primordiais, viviam uma existência de delícias, completamente nus, e, à semelhança dos animais do zoológico, não sentiam constrangimento de assim se apresentarem:

Ora, Adão e sua mulher estavam ambos nus. e não se envergonhavam (Gênesis, cap. 2, vers 25).

Assim como no paraíso, o jardim zoológico é um mundo sem reservas, castrações ou mutilações, vivendo, pelo acasalamento, a completude andrógina, primitivos e redondos, como nos fala o próprio texto:

O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar (p.127).

Impregnada desse mundo edênico, a mulher passa a observar nos animais os seus modos de ser marcados por amor, leveza, ausência de questionamentos, nudez, docilidade, paciência, ingenuidade, enfim, um ambiente de total despojamento, sem ódio, onde um e outro se completam na união de seus corpos, libertos na sua sexualidade instintiva, plenos, portanto, de si mesmos.

Ao percorrer o jardim zoológico, a personagem parece viver um processo preparatório de conscientização da sua sexualidade. É como se, através das atitudes espontâneas dos animais, ela se desse conta do seu próprio eu e fosse, paradoxalmente, descobrindo-se cada vez mais extensa e multi-forme. Observa, desdenhosa, as múltiplas, mas igualmente unas, manifestações eróticas das espécies animais, e vai concomitantemente eliminando, e ao mesmo tempo introjetando as características peculiares de cada um dos animais:

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa (p.126).

O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne [...] (p.127). Macacos felizes como ervas (p.127).

Mas o elefante suportava o próprio peso. Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava (p.128).

A mulher então experimentou o camelo. O camelo em trapos, corcunda, mastigando a si próprio, entregue ao processo de conhecer a comida [...] os grandes cílios empoeirados do camelo sobre olhos que se tinham dedicado à paciência de um artesanato interno (p.128).

A busca da mulher do casaco marrom é, em termos da busca erótica, a manifestação da relação continuidade e descontinuidade – base da experiência erótica – que implica a dialética de morte e vida. A vida ferve em torno de sua busca de morte, e o anseio de morte é uma procura de vida, de desejo do outro, como a própria personagem nos revela:

Mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ler o seu próprio ódio? O ódio que lhe pertencia por direito mas que em dor ela não alcançava? Onde aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem? (p.131)

A mulher quer libertar-se através do caos, da fragmentação, do desdobramento do seu amor em ódio. Mas a trajetó-

ria erótica é sempre obscura e absurda, como absurdo é o desejo de odiar para não morrer de amor.

Ao tentar romper os limites da sua eroticidade, a mulher tenta sufocar Eros e glorificar Thânatos, pois somente na morte reside essa possibilidade de permanência da continuidade tão procurada e questionada. Ao sucumbir, Eros está dando origem a um novo tipo de vida, a um novo ser, e essa nova forma de vida será sempre incompleta, permanecendo nessa busca impossível que a personagem clariceana empreende, levando-a fatalmente ao fim:

Recomeçou então a andar, agora apequenada, dura, os punhos de novo fortificados nos bolsos. a assassina incógnita, e tudo estava preso no seu peito. No peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão [...] (p.131).

Alucinadamente mergulhada na sua identidade de fêmea desprezada, bestializando-se na figura da mulher do casaco marrom, a personagem vai-se identificando, gradativamente, com a "irracionalidade-racional" dos animais. Percebe que, aprendendo com os animais, adquire a oportunidade de viver com outros da sua espécie, sem conflitos, nem de ordem afetiva/sexual, nem existencial. O primeiro momento claro dessa identificação se dá no encontro com o quati:

De dentro da jaula o quati olhou-a. Ela o olhou. Nenhuma palavra trocada. Nunca poderia odiar o quati, que no silêncio de um corpo indagante a olhava. Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo uma pergunta como uma criança pergunta. E ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão mortal (p.130).

Percebe-se como se dá essa troca de papéis: a pergunta é feita pelo encarcerado quati, animal de pequeno porte, ingênuo e irracional. A possível resposta que poderia estar no ser livre que passeia pelo jardim zoológico não existe, visto que a personagem é um ser encarcerado na sua própria pergunta:

A testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que um quati livre a examinava (p.130).

Fica estabelecida a troca de posições ou a identificação que se estabelece entre mulher livre/encarcerada e animal encarcerado/livre. Positivamente, o cárcere era do quati, porém, existencial e emocionalmente, o cárcere da angústia da personagem superava o verdadeiro cativeiro do animal:

A jaula era sempre do lado onde ela estava: deu um gemido que pareceu vir da sola dos pés. Depois outro gemido (p.130).

Sentindo-se assim, aprisionada e doentia, a mulher retoma sua busca, percebendo que já não é mais importante odiar ou compreender a vida sexual como apenas uma função orgânica específica, independente das demais opções ou atos da existência cotidiana. Ela intui que o instinto sexual que observara na prática dos animais é algo infinitivamente mais vasto e profundo do que aquilo que ela entendia como função sexual/afetiva, porque essa função não lhe permitiu transcender a uma compreensão total da sua existência. Assim, ao sair da montanha-russa – onde perdera a oportunidade de, aos gritos, extravasar a sua angústia interior – sacudida e injuriada, a personagem se dá conta das suas próprias limitações:

Contrita como no dia em que no meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelava a mesquinharia de uma vida íntima de precauções: pó-de-arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo do meio-fio os andaimes da sua vida (p.130).

Voltando-se a si própria, a mulher prossegue no seu caminhar e os seus movimentos agora nos reportam às sugestões de movimento que estão presentes na origem do mito de Eros. A personagem toma o amado que a rejeitou como

ponto de referência de sua preocupação e busca de verdade, e é sempre em função dele, do seu amor/desamor, que ela questiona e tenta compreender pela ótica da irracionalidade animal, a razão da sua própria existência:

Aos poucos recomeçou a enxergar, aos poucos as formas foram se solidificando, ela cansada, esmagada pela doçura de um cansaço. Sua cabeça ergueu-se em indagação para as árvores de brotos nascendo, os olhos viram as pequenas nuvens brancas (p.132).

A descoberta da existência de outras formas de manifestação erótica se aprofunda a tal ponto que a mulher, desprovida agora da censura castradora da sua moral opressora/repressora, assume alguns comportamentos que a aproximam dos animais. Assim, passa a soltar gemidos, andar, correr, ficar sem sapatos, abrir e fechar os olhos, encostar a testa na jaula e 'fazer' cara como bicho:

Quase corria, os sapatos a desequilibravam, e davam-lhe uma fragilidade de corpo que de novo a reduzia a fêmea de presa.

[...] Mas pudesse tirar os sapatos, poderia evitar a alegria de descalça? Como não amar o chão em que se pisa? Gemeu de novo, parou diante das barras de um cercado, encostou o rosto quente no enferrujado frio de ferro. De olhos profundamente fechados procurava enterrar a cara entre a dureza das grades, a cara tentava uma passagem impossível entre barras estreitas, assim como antes vira o macaco recém-nascido buscar na cegueira da fome o peito da macaca (p.132)

Afinal, assim animalizada, a mulher encontra o seu par procurado — *"Oh Deus, quem será o meu par neste mundo?"* (p.128). O clímax da narrativa acontece no encontro com o búfalo e dá-se o jogo dos olhares, num processo erótico de "mútuo assassinato".

E no silêncio cercado, os passos vagarosos, poeira seca sob os cascos secos. De longe, no seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte,

a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido (p. 133).

Envolta nesse transe mágico do olhar, a mulher mantém um incisivo e desafiante diálogo com o amor, anulando toda a possível distância entre si mesma e o outro que o búfalo representa, num absoluto e extremo ato de amor, semelhante a uma virgem que vê escorrer o seu sangue imaculado no momento da entrega primeira:

Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro.

O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo. Ficou parada, ouvindo pingar como um gota aquele primeiro óleo amargo, a fêmea deprezada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível, acontecia, uma coisa como uma alegria sentida na boca (p. 134).

Nesse momento de clímax, estabelece-se o jogo dos opostos, expressos na fala dúbia da personagem:

Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo (p. 134).

Sua fala representa o desespero do apaixonamento que leva ao completo extermínio de seu objeto de amor e que procura na morte a consagração triunfal desse encontro erótico misto de vida e morte:

A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranqüilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono,

sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato (p.135).

Na cena final, ela já é “presa” dele e ele, dela. E termina em vertigem, em que o punhal, símbolo fálico de poder que executa o amor e a morte, consome este terrível jogo a dois:

Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo (p.135).

Conclusão

Concluída a leitura do conto “O búfalo”, identificamos, no texto todo um périplo de andanças, idas e retornos em busca do amor libertado.

O tempo com que se inicia a narrativa – primavera – já foi um instante de assédio ao amor que, à semelhança de um pássaro alado, liberto das punições de Zeus, voa soberano pelos campos perniciosos do jardim zoológico, representação do éden divino.

O discurso de Clarice Lispector referenda a relação dicotômica entre amor (Eros) e morte (Thânatos), que encontra respaldo teórico nas propostas de Platão, Freud e Bataille concernentes ao erotismo.

Embora o erótico seja resultante dessas forças antagônicas, elas, no texto estudado, referendam a idéia de complementaridade, visto que o erotismo não se propõe eliminar a morte, mas transcendê-la. A superação da morte, através da fusão com o outro, é sempre momentânea e fugidia e está condenada a perecer para que os indivíduos continuem existindo como seres distintos.

Partindo do fenômeno biológico da concepção humana, sabe-se que é somente através das “mortes” do óvulo e do

espermatozóide que se origina a nova vida. A esse respeito, Bataille conclui que a *"vida é, portanto, produto da decomposição da própria vida"* (p.91).

Essa necessidade de se decompor para gerar o novo ser foi o caminho percorrido pela mulher de casaco marrom. O recurso da narradora em não nomear a personagem, como também em não descrevê-la fisicamente, pode ser entendido como uma oportunidade de revelar que, sendo a mulher um ser deserotizado, ela não possuía uma identidade. Era necessário que ela entrasse nesse processo de decomposição da unidade e se reintegrasse com o outro para, só assim, adquirir a sua identidade erótica.

A escolha do búfalo, animal de pronunciadas características sexuais masculinas, a ponto de a personagem percebê-lo como "um duro músculo do corpo", não foi aleatória. Somadas as suas forças física, selvagem e primitiva, o búfalo é a representação do falo desejado que desvirginou mortalmente a fêmea no cio, carente de amor e desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Lisa, 1981.
- BROWN, Robert. **Analisando o amor**. Campinas: Papyrus, 1990.
- CARDOSO, Sérgio et alii. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTELO BRANCO, Lúcia. **Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- . **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos, 124).
- FREUD. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, [s.d.]. (Os Pensadores, 8).
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- PLATÃO. O banquete. In: **Diálogos**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 22).
- SAFOUAN, Moustapha. **O fracasso do princípio do prazer**. Campinas: Papyrus, 1988.